PORTO ARTE
Revista de Artes Visuais

v.26 n.46
Jul/Dez 2021
e-ISSN: 2179-8001

Um objeto entre a exclusão e a proteção

Un objeto entre la exclusíon y la protección

Teresinha Barachini
Orcid: 0000-0002-7249-1641
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

Os muros são objetos fronteiriços construídos para proteger territórios e praticar exclussões e separações. Para este texto trago os muros urbanos do Brasil e, mais especificamente o Muro da Av. Mauá, localizado na borda da área portuaria da cidade de Porto Alegre-Brasil. Sua interferência na paisagem é absolutamente contundente, embora muitas vezes, ele sequer é percebido, por aqueles que convivem com ele diariamente. Ambíguo em sua existência, o ***Muro*** resiste aos debates entre aqueles que o defendem como necessário e os que o consideram um estorvo reclamando a sua queda. A fim de entende-lo e re-significá-lo, desde 2015, um coletivo de artistas-pesquisadores vem estabelecendo diferentes estratégias poéticas de aproximação e compartilhamento com o ***Muro*** e seu entorno, gerando novas inter-relações entre este protagonista e a cidade. Foram realizadas uma série de deambulações propositivas e coletivas, tais como: ***Visita Imprecisa*** (2015), ***Turista Pode*** (2015) e Espiação (2016).

Palavras- chaves :
Muro da Mauá, objeto-muro, paisagem, território, urbano

Resumen

Los muros son objetos fronterizos construidos para proteger territorios y practicar exclusiones y separaciones. Para este texto traigo los muros urbanos de Brasil y más específicamente, el Muro de la Av. Mauá, localizado a la orilla del área portuaria de la ciudad de Porto Alegre/Brasil. Su interferencia en el paisaje es absolutamente contundente, aunque muchas veces, el mismo no sea ni siquiera notado, por aquellos que conviven diariamente con él. Ambiguo en su existencia, el Muro resiste a los debates entre aquellos que lo defienden como necesario y los que lo consideran un estorbo reclamando su retirada. A fin de entenderlo y resignificarlo, desde 2015, un colectivo de artistas investigadores viene estableciendo diferentes estrategias poéticas de aproximación y coparticipación con el Muro y su entorno, generando nuevas interrelaciones entre este protagonista y la ciudad.Se realizaron una serie de deambulaciones propositivas y colectivas, tales como: Visita Imprecisa (2015), Turista Puede (2015) y Espiada (2016).

Palavras clave:

Muro de Mauá, objeto-muro, paisaje, territorio, urbano

1- Texto apresentado e publicado anteriormente em III CONGRESSO INTERNACIONAL DE INVESTIGACIÒN EN ARTES VISUALES., 2017, Espanha: Valência. GLOBAL [codificar, mediar, transformar, vivir].. Espanha, Valência: Editorial Universitat Politècnica de València, 2017. v. 1. p. 751-756- DOI 10.4995/ANIAV.2017.5837. Para esta publicação o texto foi traduzido para portugués e revisado.

DOI: https://doi.org/10.22456/2179-8001.136175

PORTO ARTE

Revista de Artes Visuais

v.26 n.46
Jul/Dez 2021
e-ISSN: 2179-8001

MUROS DO LADO DE CÁ E DO LADO DE LÁ

Tendemos a perceber as cidades contemporâneas com suas cartografias descentralizadas, onde os espaços reconhecidamente como centro e periferia ou dentro e o fora parecem não fazer mais sentido. No entanto, o cotidiano nos mostra que os limites materiais ou imaterias responsáveis pelas demarcações de fronteiras ou, mesmo, responsáveis pelos sistemas de proteção a territórios políticos ou sócio-econômicos, não apenas se mantêm através de velhas e novas configurações persuasivas, como neste momento são retomadas em quase todos os países, tendo como um de seus protagonistas os muros.

Existe um certo espanto de vivenciar as repercursões e a celebração que o mundo experimentou após a queda do muro de Berlin e, contrariamente ganhar a consciência da construção e a ampliação do muro da Cisjordânia e a manutenção do muro localizado na fronteira entre Espanha e Marrocos, ou, ainda, presenciar recentemente a campanha política de Donald Trump que fomentou a ideia da construção de um muro em toda a extensão da fronteira do EUA com o México. Em meio a estas e outras perplexidades, trago para este texto muros urbanos do Brasil e, mais especificamente um muro construído entre um rio e uma cidade, o muro da Av. Mauá em Porto Alegre.

Naturalizados os muros em nosso cotidiano brasileiro, estes são construídos como elemento de solução para os mais diversos contextos. Por exemplo, no Rio de Janeiro-Brasil, a favela da Rocinha foi cercada com 10 km de muro com 3 metros de altura a fim de impedir o seu crescimento e, assim, proteger a Mata Atlântica nos morros cariocas. Este muro é um alerta para problemas sociais e ambientais, mas não é uma solução aos problemas ali postos. Carlos Hardt (2009) lembra que "em uma cidade, quando se faz um muro, um ato agressivo, [ele] é uma mostra de incapacidade" política, social e urbanística, porque "ninguém vai olhar e dizer: *nossa que bonito*" *este muro!*

As cidades brasileiras estão repletas de enormes muros de uma heterogeneidade e estruturas impresionantes, mesmo assim, segundo Zarankin (2012, p-19-22) estes permanecem imperceptíveis no cotidiano e chegam a ser considerados elementos normais das paisagens urbanas brasileiras e, por vezes, são desejados enquanto sinónimo de estatus social e econômico. Este absurdo é captado por exemplo, segundo Teresa Caldeira (2011), pelo artista catalão Muntadas com sua obra *Aphaville e outros* (2011), o qual coloca em evidencia um condomínio fechado na cidade de São Paulo cercado com seus muros segregadores. Neste e em outros locais a elite brasileira levanta suas fortalezas criando cenários que naturalizam a desigualdade social e a separação.

> Os muros que cercam *Aphaville* são muito peculiares. Como mostra [a obra] *Aphaville e outros*, eles são absurdamente longos. Estendem-se por mais de 10 quilômetros e é possível dirigir a seu lado por muito tempo. Uma das coisas mais impresionantes sobre os muros de Aphaville é que são admiravelmente brancos. Nem mesmo os muros mais fortificados do mundo contemporâneo, como o Muro

PORTO ARTE

Revista de Artes Visuais

v.26 n.46
Jul/Dez 2021
e-ISSN: 2179-8001

> da Palestina ou o muro da frontera americana com o México, escaparam do grafite, uma intervenção que transforma os muros em focos de vergonha e contestação. Não obstante, os muros de Aphaville não possuem grafite. Esta limpeza é apenas certa indicação da força do aparato de segurança do qual o muro é apenas uma parte. (CALDEIRA, 2011, p. 233)

Adotado, também como solução, um muro de 3 metros de altura com quase 3km de extensão é construido entre o cais e a cidade de Porto Alegre-Brasil, limitando os deslocamentos corporais de aproximação a borda do lago Guaíba, em uma postura ambígua entre o separar e proteger a cidade de suas águas e de suas ilhas, negando em algum sentido a sua vocação de porto. Este muro da Mauá, muitas vezes chamado de "*Muro da Vergonha*", com o intuito de proteger a cidade das águas de enchentes futuras, tornou-se uma realidade material na década de 70, ao ser construído. Firmou, assim, entre o urbano e o lago, uma espessura longitudinal permanente: o "*Muro da Mauá"*.

Este objeto – o 'muro', constituído de textura, cor e história, cria uma enorme interferência na paisagem, transformando-a, e modificando os hábitos dos moradores da cidade e daqueles que por ali passam, dividindo a memória entre antes e depois do muro. A sua inevitável materialidade nos induz a pensar sobre os seus significados de proteção e afastamento, nem sempre tão explícitos quando em sua presença, mas inegavelmente gerados a partir da absorção de sua existência, seja pelo olhar indagativo ou pela aproximação corporal em seu perímetro.



Figura 1- Visita Imprecisa, 2015. Data: 23/05/2015. Local Muro da Av. Mauá, em Porto Alegre, RS-Brasil. Da esquerda para direita: Manoela Cavalinho, Alice Brauwers, Liziane Minuzzo,Bruna Gazzi e Thiago Trindade. Foto: Deni Corsino

PORTO ARTE

Revista de Artes Visuais

v.26 n.46
Jul/Dez 2021
e-ISSN: 2179-8001

DE PERTO, DE LONGE, DE CIMA

Esta longo objeto, o *Muro da Mauá*, que esconde a paisagem formada pelas margens e pelas águas do Lago Guaíba, levou um grupo de artistas[1] no dia 23 de maio de 2015 a fazer sua primeira ação coletiva, uma *Visita Imprecisa*[1] (*Fig. 1*). Decidiram pela visita como uma 'experiência Dadaísta', ou seja, uma excursão a um lugar banal da cidade, afim de ativá-lo. E, embora, fosse absolutamente impossível o reconhecimento visual de sua totalidade, a visita em um certo sentido potencializou aquele objeto urbano longitudinal como possível lugar poético para os artistas envolvidos na ação.

Na medida que estes aprendiam o espaço formado por aquela barreira física e visual, experimentavam o impacto de duas velocidades, uma era o percurso feito a pé, lento e absorvente do entorno próximo e a outra era a velocidade realizada pelos veículos que percorriam a Av. Mauá, lembrando a todos que a cidade estava ali. O seu lado pertencente à avenida, ou seja, seu lado de 'dentro' da cidade ou seu lado 'externo' em relação ao Cais, antes aparentemente neutro, a partir da *Visita Imprecisa*, impõe-se para o grupo como um objeto limitador da 'outra' paisagem (a borda do rio), ou seja, das imagens que seriam possíveis obter se ele ali não estivesse. Por outro lado, ao olhar para o objeto-muro, o que se torna acessível é uma paisagem plana resultante de superfícies cobertas de forma irregular por grafismos e rachaduras, que tentam, em certa medida, devolver à cidade paisagens roubadas ou imaginadas.

Do outro lado do muro, do lado da área do Cais[3], o qual não é acessível a população local, o muro torna-se cinza chumbo esverdeado, com sinalizações codificadas e, vez que outra, podem ser observadas gramíneas que insistem em crescer entre as rachaduras do muro, assim como, árvores nativas de um lado e palmeiras de outro. Vivenciar os dois lados deste muro, é experimentar a diversidade idiossincrática da população local em relação ao espaço ali marcado, cortado, delimitado e codificado. Estes espaços aparentemente públicos – os dois lados do muro –, se fecham e se tornam locais de anti-convivência, representando áreas de violência e exclusão. Repetindo uma prática urbana de outras cidades brasileiras, onde os lugares públicos tem, segundo Canton,

> "seu uso abandonado pelo medo ou deixado à deriva, à sombra da solidão urbana. O lugar público, que seria o lugar de todos, passa ao status de lugar de ninguém. É abandonado, maltrado, sujado, ignorado, sucateado. O desejo dos artistas contemporâneos de dialogar com os espaços públicos da cidade como forma de expandir suas poéticas fica cada vez mais ameaçado e torna-se um contraponto à ameaça da violência, ao medo, ao isolamento proposto por uma arquitetura de muros, grades e vigilância." (Canton, 2009, p.42-43)

1- Nesta primeira ação participaram os artistas: BARACHINI, Tetê; BRAUWERS, Alice; CAVALINHO, Manoela; CORSINO, Deni; GAZZI, Bruna; MINUZZO, Liziane; TRINDADE, Thiago.

2- Ver maiores informações em: https://www.om-lab.com.br/muromaua

3- Atualmente o outro lado do muro, o lado que dá acesso ao Cais não é acessível a população local. Mesmo assim os artistas realizam em 2015, a ação Visita Adentro e registram discretamente imagens roubadas deste muro em um pequeno trecho próximo a uma de suas comportas.

PORTO ARTE

Revista de Artes Visuais

v.26 n.46
Jul/Dez 2021
e-ISSN: 2179-8001



Figura 2- *Turista Pode*, 2015. Data: nov/2015. Local: Lago Guaiba – RS -Brasil. Foto: Thiago Trindade

Além das deambulações e visitações próximas às suas superfícies, os artistas realizaram a ação *Turista Pode* (2015)4 (Fig. 2) ao embarcar em um passeio do Cisne Branco5 para turistas holandeses, e assim, conseguiram acessar visualmente o 'muro' costeando parcialmente o cais, pois o acesso que não é permitido ao morador, é perniciosamente concedido ao turista. Tristemente percebe-se que o território líquido do rio e a sua paisagem são de uso do outro, do estrangeiro, do turista e negado ao residente da cidade.

Sobre a superfície líquida e expandida do rio Guaíba, situados então em um barco, "um pedaço de espaço flutuante, um lugar sem lugar" (Foucault, 2009, p.421), na posição em que é permitida ao turista apreciar a paisagem, os artistas avistaram o *'muro'* feio e bruto e redescobriram a cidade de Porto Alegre, com suas camadas e suas opacidades. De sobre as águas do lago, o *'muro'* se colocava distante e visualmente segmentado entre os vãos dos armazéns. Ratificava-se definitivamente invisível perante a verticalidade da área urbana que este se propõe proteger. Solitário em sua extensão, reconfigurava-se em um espaço isolado, abandonado em seu próprio esquecimento, um lugar sem pertencimentos, sem acessos, assim como o atual Cais da cidade de Porto Alegre-RS-Brasil. Na distância, o *'muro'* some, sobram apenas manchas das camadas sobrepostas da cidade e de porto, a paisagem compartilha o vertical e o horizontal em apenas uma cena, e o tempo elástico em sua duração se ausenta, sobra a memória de um *'muro'* que os receberá ao desembarcarem em Porto Alegre.

4- *Turista Pode* (2015) foi realizado pelos artistas-pesquisadores: Deni Corsino, Filipe Conde, Manoela Cavalinho, Tetê Barachini, Thiago Trindade. Ver maiores informações em: http://www.om-lab.com.br

5- O barco *Cisne Branco* faz passeios turísticos pelas ilhas próximas a cidade de Porto Alegre.

PORTO ARTE

Revista de Artes Visuais

v.26 n.46
Jul/Dez 2021
e-ISSN: 2179-8001



Figura 3- *Espiação*, 2016. Local: Muro da Av. Mauá, em Porto Alegre, RS-Brasil. Foto: Filipe Conte

A cidade de Porto Alegre-RS-Brasil olha para o *Muro da Mauá* como parte de uma paisagem urbana, não o penetra, não o atravessa, porque não o vê. Para os que frequentam a cidade e o veem, este os leva a olhar tanto para sua integridade material, assim como os convida a brincar de elevar os seus olhares até a sua borda e, lá de cima do muro, tentar mirar o desejo oculto de resgatar uma cidade que se propunha ser outra antes da construção deste objeto longitudinal.

Depois de uma série de incursões ao muro entre 2015 e 2018[6], os artistas resolveram fazer um convite aberto a comunidade local para vivenciarem uma aproximação não apenas ao muro, mas as paisagens por ele negada. E, com esta proposição, os artistas realizaram a ação Espiação (2016) (Fig. 3 e 4). Esta ação propôs uma série de aproximações de redescoberta daquele lugar, tais como: tentar olhar o entorno utilizando um óculos-cego da artista Bruna Gazzi, tentar encontrar e olhar as pequenas paisagens escondidas através dos furos existentes no muro ou apropriar-se de imagens refletidas em espelhos presos a hastes, como os dispositivos criados pelos artistas Thiago Trindade e Talita Procópio, ou fossem através dos espelhos pendurados nas guaridas junto aos portões de acesso ao cais. E, ainda, espiar por sobre a borda do muro, utilizando dispositivos construídos pelos artistas, tais como: cadeira de altura superior ao muro de Deni Corsino, para contemplar a paisagem escondida do outro lado, ou escada do artista Lucas Strey para subir junto a borda do muro, ou, ainda, captar vídeos e imagens fotográficas através do dispositivo tecnologico proposto pelo artista Pedro Ferraz.

E, lá do alto, de cima do muro, talvez, apenas talvez, este muro-monumento possa ser entendido não como um objeto estático e permanente, mas como um objeto no espaço que permite em algum sentido se deixar transformar permanentemente em *ter-*

6- Informações sobre todas as aproximações coletivas e individuais realizadas pelo grupo podem ser acessadas no link: https://www.om-lab.com.br/muromaua

PORTO ARTE
Revista de Artes Visuais

v.26 n.46
Jul/Dez 2021
e-ISSN: 2179-8001

-lugares (Didi-Hubermann, 2009), mesmo que o seu desejo de queda não seja assim, tão explícito. Praticar suas bordas de dentro, de fora e de cima se faz necessário para aqueles que entendem as cidades como lugares de pertencimentos poéticos.



Figura 4- *Espiação*, 2016. Local: Muro da Av. Mauá, em Porto Alegre, RS-Brasil. Foto: Deni Corsino

Cabe aqui deixar registrado que o grupo de pesquisa Objeto e Multimídia, durante o período que esteve com foco no objeto Muro da Av. Mauá, realizou as ações coletivas[7]: *Visita Imprecisa* (2015), *Panorâmica* (2015), *210versus294* (2015), *Turista Pode* (2015), *Visita a Dentro* (2015), *Noite a Dentro* (2015), *Espiação* (2016). E as ações individuais: *Sementes Invasoras* (2016), *Retomada da Biota* (2016), *Overlap* (2016), *Senso Demográfico* (2015-2017) de Thiago Trindade, *Abandonâncias-ato 1* (2016) e *Unilateral* (2016) de Deni Corsino, *Placa Muro* (2016) de Lucas Strey, *O Meio do Muro* (2017) de Talita Procópio, *No direito olha o Muro, no direito dá as costas pro Muro* (2017) de Peter Gossweiler, *Ruído* (2017) e *Aproximação Nº 3* (2017) de Pedro Ferraz e as duas ações que realizei intitulados *Paralelo Sitiado* (2017) e *Mailbox MuroMauá* (2017-2018).

APONTAMENTOS NÃO CONCLUSIVOS

As errâncias praticadas (Jacques, 2012) nesta territorialidade ampliada do Muro da Av. Mauá na cidade de Porto Alegre, estenderam-se em experiências e percepções tanto coletivas como individuais por parte dos artistas, precipitando novos significados e novas apreensões deste protagonista - o *Muro da Mauá*- e das suas inter-relações com o meio e com o outro que habita a cidade ou permanece turista na sua borda.

O muro, em sua negação, é *não-lugar*, é cisão, é limite visual e físico, é fissura e ruptura, porque é visível, espesso e encarnado. Ao mesmo tempo não podemos esquecer que segundo Augé (2005, p.74), o não-lugar "nunca existe sob uma forma pura;

7- Participaram das ações coletivas os artistas: Tetê Barachini, Denise Corsino, Pedro Ferraz; Bruna Gazzi, Peter Gossweiler, Paola Luzzato, PROCÓPIO, Talita; STREY, Lucas; TRINDADE, Thiago. CONDE, Filipe, BRAUWERS, Alice; CAVALINHO, Manoela; CORSINO, Deni; GAZZI, Bruna; MINUZZO

PORTO ARTE
Revista de Artes Visuais

v.26 n.46
Jul/Dez 2021
e-ISSN: 2179-8001

lugares se recompõem nele; relações se reconstituem nele", pois lugar e não-lugar são antes tudo polaridades fugidias, onde "o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente." O Muro da Mauá, afirma-se enquanto lugar do entre, lugar do abandono, da proteção e do afastamento. Provoca-nos estranhamento por ser o que é e representar o que não está.

Os artistas ao se aproximarem dos muros tentam ressignificá-los, não para o justificá-los ou mesmo mantê-los, mas para entender os motivos pelos quais estes são construídos, ampliados e mantidos e, mais, para poder fazê-los perder sua permanência opressiva ou sua função primeira de segregação e afastamento. Para Siza Vieira(2017), os muros que se querem erguer atualmente não são arquitetura, mas sim, agressão e isolamento e, no Brasil, o que faz os muros subirem e se proliferarem é o medo. Medo da agressão, medo da violência, medo da convivência, medo do outro e, assim, isolamo-nos em nossos pequenos fictícios territórios. O Muro da Mauá, foi construído para proteger um território aterrado por medo da retomada das águas que lá eram de direito permanecer. Um medo que tenta se justificar pela palabra proteção. O medo coletivo o mantém em pé, meio torto, com fissuras e com frestas. Talvez a aproximação continuada possa torná-lo menos alto, menos espesso, menos opaco e a paisagem do outro lado do rio possa ser vivenciada por aqueles que andam a pé na borda da cidade de Porto Alegre em algum momento.

Referências Bibliográficas

AUGÉ, Marc. *Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade.* Campinas, SP: Papirus, 2005 ISBN: 8530802918

BARACHINI. T. Em cima do muro: experiências da borda. In Cirillo, José, Org.; Grando, Ângela, Org.; Belo, Marcela, Org. Poéticas da Criação, E.S. 2016. Seminário Ibero-americano sobre o Processo de Criação nas Artes. Vitória, ES: PROEX/UFES, 2016 ISBN 9788565276306

CALDEIRA, Teresa. Muros novas tecnologias do público. IN *Muntadas: informações, espaço, controle.* [catálogo]. São Paulo:Pinacoteca do Estado, 2011, p.217-233 ISBN: 9788599117613

CANTON, Katia. Espaço e lugar. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. ISBN: 9788578272272

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Ser Crânio: lugar, contato, pensamento, escultura.* Belo Horizonte: C/Arte, 2009 ISBN: 8576540894

FOUCAULT, Michel. Estética, literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro, Forense Universitaria, 2009. ISBN:9788521803904

HARDT, Carlos apud Carriel, Paola. *Muro na favela. Proteção ou segregação social?* Jornal Gazeta do Povo. Rio de Janeiro: 04/04/2009. Acesso em: 10/03/2017. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/muro-na-favela-protecao-ou-segregacao-social-bih9sn9xh9q1jqwmjuxt14gum >

JACQUES, Paola Berenstein. *Elogio aos errantes.* Salvador: EDUFBA, 2012. ISBN: 9788523208707

PORTO ARTE

Revista de Artes Visuais

v.26 n.46
Jul/Dez 2021
e-ISSN: 2179-8001

XAVIER, Ágata. Siza Vieira: "*Os muros [que se querem erguer] não são arquitectura, são agressão e isolamento*" [Entrevista]. Jornal GPS. Lisboa, 06/03/2017. Acesso em: 10/03/2017 Disponível em: <http://www.sabado.pt/gps/detalhe/as-varias-visoes-de-alvaro-siza-vieira>

ZARANKIN, André. *Corpos congelados: uma leitura metafórica de paredes e muros em Belo Horizonte, MG.* In. Arqueologia na paisagem: novos valores, dilemas e instrumentais. Rio de Janeiro: Rio Book's, 2012. ISBN: 97885615562345

PORTO ARTE
Revista de Artes Visuais

v.26 n.46
Jul/Dez 2021
e-ISSN: 2179-8001

Texto enviado em: 14/07/2021
Texto aceito em: 20/10/2021
Texto publicado em: 22/12/2021

Teresinha Barachini (Tetê Barachini)

Artista, pesquisadora e professora do Instituto de Artes da UFRGS. Atua no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV-UFRGS), na linha de pesquisa Poéticas de Processos Híbridos (2020). Atualmente é Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Doutora em Poéticas Visuais do PPGAV-UFRGS e Mestre em Artes com ênfase em Poéticas Visuais pela ECA-USP. Realiza exposições individuais e participa de exposições coletivas no Brasil e no Exterior desde 1998. Como líder do Grupo de Pesquisa Objeto e Multimídia-CNPq, tem organizado uma série de eventos culturais na área de Artes Visuais e publicações. Como artista e pesquisadora desenvolve atualmente projeto de pesquisa envolvendo aproximações poéticas e esculturas/objetos tridimensionais sensíveis, considerando suas apresentações materiais e virtuais e as possíveis interações com o outro (sujeito) e com o espaço urbano. Utiliza como um dos seus recursos poéticos as mídias locativas para exploração dos espaços urbanos a fim de ressignificar mapas (geolocalização) em ambientes virtuais via GPS. Parte se sua produção artística pode ser acessada no site: https://www.tb.art.br/

Como citar: Barachini, T. (2023). Um objeto entre a exclusão e a proteção. *PORTO ARTE: Revista de Artes Visuais*, [S. l.], v. 26, n. 46, 2021.

Doi: https://doi.org/10.22456/2179-8001.136175